

Mais crédito, para ajudar a recuperar a economia.

O presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin (foto), disse ontem que a liberação de mais empréstimos adicionará novos ingredientes à tendência de recuperação da indústria. Ele assegurou que, ao contrário do que ocorreu no primeiro trimestre, o banco não efetuará qualquer corte adicional nos empréstimos ao comércio e à indústria.



Colin reconheceu que a indústria foi o setor mais atingido pelas restrições creditícias do Banco do Brasil e afirmou que apesar da taxa de inflação de 10% ao mês, as perspectivas internas começam a revelar sinais animadores. Segundo ele, os 10% da inflação de março não representam, de qualquer forma, a reversão da tendência dos preços e a reativação do setor industrial dá evidência de firmeza.

Reunião com empresários

O ministro do Planejamento, Delfim Neto, manteve ontem uma reunião com 13 presidentes de federações da indústria e do comércio de vários Estados, inclusive São Paulo, e que teve como tema dominante as perspectivas de reativação

da economia no segundo semestre. De acordo com o gabinete do ministro, Delfim convocou os empresários para que eles façam um esforço comum, tendo em vista reduzir as taxas de inflação.

Nos debates que se seguiram a uma exposição inicial de Delfim, relatando os resultados alcançados com o programa de ajustamento da economia, especialmente o incremento das exportações, da produção energética e agrícola, o ministro respondeu a várias perguntas dos empresários, interessados em conhecer a estratégia do governo em relação ao combate à inflação e às expectativas do titular da Seplan no que se refere ao comportamento da taxa de juros, ao controle da expansão do crédito e à flexibilidade das importações.

O ponto de vista dominante entre os empresários é de que a redução dos juros, o aumento da oferta de crédito e a liberalização das importações do setor privado são fatores indispensáveis a uma retomada de crescimento da economia, de uma forma globalizante e não apenas restrita a certos segmentos da indústria, justamente os vinculados à exportação de manufaturados e os que recebem impacto direto da expansão agrícola.

Indícios tênues

"As expectativas otimistas de

reativação da economia não possuem uma consistência muito sólida. Neste momento, é muito açado sustentar uma retomada do crescimento industrial."

Esta foi a conclusão do economista Luciano Coutinho, que participou de debate com os membros do Conselho Estadual de Política Industrial, Comercial e Agroindustrial, sobre as previsões de recuperação da economia. Os vários conselheiros do órgão concordaram em que ainda são tênues os indícios de uma reativação econômica no País.

Segundo Coutinho, uma expectativa negativa anterior cedeu lugar, após a negociação externa, a uma crescente confiança. Alguns fatores concorreram para isso, como a reversão do fluxo de caixa e "uma negociação menos leviana da dívida externa". Mas, de acordo com ele, não há razão para supor uma folga na área cambial e houve uma reversão negativa em relação à inflação, "pois ninguém espera que ela poderá ser reduzida em 1984".

"Se, de um lado, a missão técnica do FMI foi tolerante com certas metas, ela foi dura e inflexível em relação às metas de contenção monetária para 1984", disse. Numa hipótese otimista, se a taxa de inflação de abril a setembro caísse para 6%, ainda assim haveria uma redu-

ção brutal dos meios de pagamento, explicou.

Plano de emergência

A criação de um plano de emergência para reorientar a economia brasileira foi defendida pelo diretor-financeiro da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, José Maria Arbex, que foi empossado ontem como presidente do Conselho Federal de Economia, em cerimônia realizada no Rio de Janeiro.

"Há um enorme e profundo consenso, na categoria profissional dos economistas, de que, mantida a atual política econômica, as perspectivas dos próximos anos são ainda mais graves, com um aprofundamento da crise, com todas as suas perversas consequências de ordem econômica e social", disse ele.

Para José Maria Arbex, os economistas devem engajar-se na discussão e busca de alternativas para solucionar os problemas sociais e econômicos do País, sobretudo sem preconceitos teóricos, já que a sociedade vem cobrando dos economistas definições e propostas de reorientação da economia, além de medidas que indiquem os caminhos para evitar o agravamento da desarticulação do setor produtivo e o aumento acelerado do desemprego e o avanço galopante da inflação.

50 MAR 1984